



Blumenau em cadernos

Eventos em destaque na Fundação Casa Dr. Blumenau em 1982

- 22 de março — Centenário de nascimento de Edith Gaertner - 1882-1982
- 07 de abril — Dez anos de Instituição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Lei 1835, de 7/4/72.
- 1º de julho — Cinco anos de atividades da Biblioteca Ambulante pioneira em Santa Catarina.
- 30 de agosto — Trinta anos de atividades da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller - Lei 354 de 30/08/1952.
- Novembro - Jubileu de 25 anos da revista cultural "Blumenau em Cadernos" - 1957-1982.

TOMO XXIII - Nº 8

AGOSTO 1982

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Agosto de 1982

Nº 8

SUMÁRIO

	Página
CRÔNICA DA FAMÍLIA BAUMGARTNER	218
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU ..	220
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	222
FESTA DO PRATO TÍPICO JÁ É TRADIÇÃO	223
BIBLIOTECA DR. FRITZ MÜLLER ANIVERSARIOU	223
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA ..	226
REVELAÇÕES DOS ARQUIVOS HISTÓRICOS ..	230
"CADERNOS MUNICIPAIS	231
HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BLUMENAU	233
VOCÊ SABIA?... ..	238
ACONTECEU... Julho de 1982 ..	240
O "KOLONIE-ZEITUNG"	241

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425,- Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — "Blumenau em Cadernos" completa, em novembro deste ano, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque estamparemos na capa desta revista, durante todo o ano, a foto do seu fundador, Prof. José Ferreira da Silva, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

Crônica da Família Baumgärtner

Toda família tem sua história. História que narra ora as conquistas, ora as derrotas, seguindo a ordem de importância dos fatos para a descendência. E são as pessoas mais idosas quem continuam contar aos mais novos estas "crônicas" orais, enfeitadas de dramatizações, conforme a ocasião. Há enxertos, abreviações, omissões, como é natural no processo de comunicação. A comunicação é o processo de significações, e portanto, o que percorre na descendência da família são os significados dos fatos. Fatos que não são históricos por não serem delimitados pelas datas dos vencedores. São fatos cujas marcas são, as expressões pessoais que tanto enriquecem a História Oficial. Mas a separação de ambas — História de Vidas e História Oficial — deve permitir a articulação dos dados de modo a possibilitar a união das histórias. Nisto se distingue o "trapeiro" do historiador. O primeiro manipula os objetos, os documentos e a sanha da novidade, do inédito, o que lhe permite lidar com as significações pessoais. O segundo, por formação, globaliza a história e dá aos fatos o significado do vencedor.

É como "trapeiro" que queremos registrar a Crônica da Família Baumgärtner.

Tudo começou entre 1958-60 quando o Consulado Alemão através da Rádio Nereu Ramos, de Blumenau, dirigia uma procuração a Ivert Baumgärtner, funcionário da Rede Ferroviária de Santa Catarina, lotado na Estação de Itoupava Seca, Blumenau. A procuração havia partido do Sr. Edson (...), Delegado de Polícia do Município de Três Corações, MG, pretendendo saber o paradeiro dos irmãos de sua sua avó, a pedido desta.

"A mesma procuração qualificava o sobrenome Baumgärtner como árvore de jardim", uma espécie de flamboyan ou acácia negra. A família morava na Alemanha, junto às divisas da França e por várias oportunidades o território pertenceu a esse País.

FRANZ ANTON BAUMGARTNER, em 1860 iniciou trabalho num curtume de peles, tornando-se técnico em extração e tratamento de couro de animais selvagens. A empresa comercializava peles em toda a Europa. Requisitava-se pele de castor e outros animais. Em 1863, foi convidado a fazer uma "tournee" no Vale do Rio Itajaí, onde notícias do Colonizador Hermann Blumenau, davam conta de animais como o tigre, onças e animais selvagens menores. A empresa escolheu Franz, por ser ele um exímio atirador e de espírito aventureiro. Outro colega dele fora para a África, onde teria a mesma tarefa: caçar animais de peles raras e bonitas, tratá-las quimicamente com essências de conservação e exportar, juntamente com o charque, tudo para a Alemanha. E ambos seriam pagos, em troca, regimento.

Pois foi em princípios de 1863 que Franz Anton Baumgärtner desembarcou no porto do Rio Itajaí e tomou picada adentro seguindo o Rio Itajaí-Mirim e desviando depois para a Colônia Belga. Sua intenção era fazer riqueza na alça de sua mira e um dia voltar. Estacionou

em Volta Grande, distrito atual de Gaspar, em terras que adquirira do Colonizador Schneeberg. Enquanto aguardava a demarcação do lote, permaneceu no "Barracão dos Imigrantes" do porto.

Neste tempo, Franz Anton comprara alguns burros de carga, cães de caça e arregimentara dois bugreiros para as caçadas. Saía da Volta Grande, freqüentemente, para caçar, passando dias na trilha de veados, pacas, oncas, tatus e aves. Usava tanino nas peles e defumava os lombos de carne ou expunha ao sol. Sempre que ancorava um vapor alemão, tinha o que embarcar para a empresa alemã, em que trabalhava, recebendo relativo dinheiro.

Dois anos depois, abre picada para o lado do Rio Tijucas, estacionando por dias nas futuras terras dos irlandeses, então engenho de serra de Franz Sallentien.

No retorno, durante a festa do "Schultzenverein" na Colônia Brusque viera a conhecer Vilimina K behler, cuja família cultivava um lote na Guabiruba do Sul. Com ela, casara-se e tivera quatro filhos: Emílio, Maria, Verônica e Ana.

F1 — EMÍLIO BAUMGARTNER casou com Paulina Wanka, e foi trabalhar como lavrador na Fazenda de Jacó Olinger, na Volta Grande. Tiveram os seguintes filhos:

N1 — ANTONIO BAUMGARTNER operário da Fábrica Renaux, casou com Maria Padoani. Filhos: Ivert, Edmundo, Adélia, Idalina e Afonso. Este é meu avô. do casamento de Adélia com Aloysius Lauth. Faleceu em 1973 e está sepultado no "Parque da Saudade", com a família.

N2 — ANA BAUMGARTNER, casada com Antonio Venturelli, viúva, mora em Blumenau. Filhos: Nelson, Osni e Zélia.

N3 — JOÃO BAUMGARTNER, solteiro, braçal do Cônsul Renaux, residente de uma das casas da Fábrica, perto do SESI-RENAUX. Veio a falecer com 23 anos quando abria o poço d'água da Vila Gucky juntamente com Guino Eccel, ac incidente de uma dinamite.

N4 — EUGÊNIO BAUMGARTNER, casado com Jorcelina Brands. Falecera com 38 anos no Hospital de Azambuja de um ataque cardíaco. Filhos: Jandira, Ladi e Hélio.

N5 — OSVALDO BAUMGARTNER, casado com Leonor Rosin, falecido em 1978. Filhos: Carlos e Sérgio.

F2 — MARIA BAUMGARTNER, casada com Emílio Brehm, morador da Limeira, depois Joinville.

F3 — VERÔNICA BAUMGARTNER, casada com o professor Alexandre Gerson que fora morar para Minas Gerais levando consigo a irmã solteira Ana.

F4 — ANA BAUMGARTNER, casada em Minas Gerais.

Nesse tempo, Vilimina veio a falecer e Franz Anton, que já havia abandonado a caça pela carpintaria, contraiu segundas núpcias com (.) Deste casamento nasceu Adriano. Certo dia, voltando do trabalho, soubera que a esposa fugira para o porto de Itajaí. Ainda chegara a tempo de ver o vapor sair da barra com destino ao Rio. Meses depois, ela veio a falecer e Franz Anton fora chamado à direção da

Colônia para receber dela os pertences e algum dinheiro que restara.
N6 — ADRIANO BAUMGARTNER, casado com Matilde Vanka, morador da Rua 1^o de Maio, em frente a atual padaria Wegner. Filhos: José, Emilio, Francisco, Gabriel, Antonio, Ana, Guilhermina, Alvina e Helena.

FRANZ ANTON veio então a casar com (.....), sua terceira esposa, com quem tivera cinco filhos: Paulina, Alma, Donato, João e Luis.

N7 — PAULINA BAUMGARTNER casou com um Forbi, de Itajaí. Filhos: Valter, Antonio e duas moças.

N8 — ALMA BAUMGARTNER, casou com um Schmidt, de Itajaí.

N9 — DONATO BAUMGARTNER, casado e residente em Rio do Sul.

N10 — JOÃO BAUMGARTNER, casado com Matilde Maffezzolli, morador da Limeira. Filhos: Matilde e mais três filhos.

N11 — LUIZ BAUMGARTNER, casado e residente na Limeira.

FRANZ novamente ficara viúvo e já ia com idade avançada quando a filha Verônica mandara buscá-lo. Veio a falecer seis meses depois, em Três Corações — MG.

Esta é a história e seu significado pessoal. Uma crônica que é narrada oralmente aos netos e bisnetos, perdendo dados e nomes. Uma família simples que cresceu com larga prole junto ao interior da Vila de Brusque. Sua origem é aventureira e sedenta de riqueza, como todo imigrante, na alça de mira de uma espingarda. Hoje, espalhados pelo país, continuam a batalhar nas picadas da vida.

Seu tataraneto, em 17 de junho de 1981.

Aloisius Carlos Lauth

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

COLÔNIA DE BLUMENAU (Segundo um memorial de um imigrante) Blumenau, fins de agosto de 1868. Os três navios hamburgueses: "Franklin", Comandante Bockwaldt; "Victória", Comandante Frendt e "Laura", Comandante Eben, trouxeram-nos 312 imigrantes adultos, 71 crianças e 5-10 anos e 87 crianças de 1-5 anos, ao todo 470 pessoas, enquanto que as listas de passageiros acusavam apenas 467 pessoas. No Franklin nasceram na viagem 2 crianças, no Victória também 2 e no Laura 1 criança, enquanto no Victória veio a falecer 1 criança. O estado de saúde destes imigrantes era satisfatório e, apesar do tempo chuvoso, que retardou a viagem dos recém-chegados, também assim ficou o estado de saúde no trajeto da Barra do Itajaí até a Colônia. Com referência à comida e tratamento à bordo os imigrantes se declararam satisfeitos. Quase todos os chefes de famílias já tomaram posse de seus respectivos lotes e grande parte deles já deixaram o galpão dos imigrantes. Em breve será esperado o navio ham-

burguês "Raleigh" com 188 pessoas a bordo, que saiu de Hamburgo no dia 24 de Junho. Como consta, aguarda-se ainda a chegada de mais 1.000 e assim teremos neste ano um aumento de mais de 2.000 almas. O vale do Rio do Testo estará então completamente tomado, não obstante ainda exista ali terrenos utilizáveis. Infelizmente no alto vale do Testo as terras, por serem acidentadas ainda não foram colonizadas e assim uma ligação com a vizinha Colônia Dona Francisca não será para tão breve. Em compensação iniciou-se a colonização dos vales do Rio Benedito e do Rio dos Cedros e já foram medidos ali cerca de 60 lotes de 100 geiras cada um. Também já se iniciou a construção de uma via de comunicação entre o Rio do Testo e o Rio Benedito, onde já foram ocupados alguns lotes. No dia 25 do mês próximo passado o colono Posemann foi atingido, na derrubada do mato, por um tronco de árvore que lhe causou a morte instantânea.

Sua própria imprudência causou-lhe a morte. No dia 8 deste mês desabou um temporal com forte trovoada sobre a nossa colônia. Um raio caiu sobre o engenho de açúcar do colono Lucht, na Itoupava, feriu uma mulher e uma criança que já dormiam e incendiou o telhado de palha. O incêndio foi logo debelado em seguida e os feridos já se acham a caminho da recuperação não havendo maiores preocupações.

No dia 3 deste mês a Sociedade de Cantores "Germânia" festejou o seu 5º ano de fundação. O salão do senhor Friedenreich foi festivamente ordenado sob orientação do competente presidente da sociedade, sr. Victor Gaertner e apresentava um aspecto encantador. Em duas partes foram apresentadas as seguintes canções: 1. "Erhabt in jubelnden Accorden" de Maurer; 2. "Heuttlein" de Voigt; 3. "Wenn ich recht heiter bin" de Adam; 4. "Wie wird das Herz so selig", von Riccius; 5. "Und hoerst du das maechtige Klingeln" de A. v. Spazier; 6. "Interger vitae", de Flemming; 7. "Wie hehr im Glase blinkt", de Spazier; 8. "Morgen marschieren wir" de Stern e 9. "Das Fraeulein vor der Himmelsteurs, de Schaeffer. As peças foram bem exibidas e várias foram freneticamente aplaudidas. Após os números de canto começou o baile e os intervalos foram preenchidos com canções populares ou récitas humorísticas. A festividade terminou somente ao raiar do dia. Sob a competente orientação do Pastor Oswald Hesse, a sociedade progrediu consideravelmente. Queira Deus que esta direção dure por muito tempo. É de se reconhecer a dedicação e entusiasmo dos cantores aos ensaios, tanto mais que a maioria não mora no povoado e terão que andar em noite escura e até sob chuva em estradas enlameçadas para vir aos ensaios, os quais em geral eram sempre bem frequentados. O côro masculino é ainda uma parte da vida alemã e por isso nenhuma colônia alemã deveria deixar de praticá-lo.

Talvez seja possível, em breve, o que muito contribuiu para o cultivo do canto, reunir-se as diversas sociedades de cantos das colônias vizinhas para uma apresentação comum. Estas reuniões fortalecem em nós o sentimento de solidariedade, o que é muito importante para a sobrevivência e progresso das pequenas sociedades.

A opinião dos que nos visitam

— Há sete anos atrás estive aqui. O Museu se conserva, porém, a cidade está perdendo suas origens. — J. Silveira — SP.

**

— Grande acervo histórico, bem organizado e de grande importância para os visitantes que, através deste Museu, podem conhecer a história desta cidade e de seu fundador. Elisabete Tinoco — Rio de Janeiro.

**

— Achei o Museu muito interessante, com relíquias valiosas. Penso que vocês devem fazer o possível para mantê-las nas atuais condições, isto é, em bom estado. Principalmente o parque e os jardins. Apenas uma sugestão: Poderia se calçar ou colocar lajes nas trilhas do bosque. Acho que assim ele ficará mais limpo. Outra coisa: Peças delicadas estão muito à vista, e podem ser facilmente embolsadas. As maquetes estão perfeitas. O Museu está de parabéns pela sua organização. — André G. Bastos. — Bento Gonçalves — RGS.

**

— Venho de São Luis do Maranhão. Lamento demais que o povo e governantes de minha terra não revelem o mesmo carinho e dedicação que encontrei aqui neste Museu. Este é rico e diversificado e, consegue refletir o caráter do seu povo. Há muito queria conhecer Blumenau; a cidade superou minha imaginação — é linda, preservada (apesar do progresso), aconchegante! Parabéns! — Elias.

**

— Estou no mesmo barco que o meu amigo Elias, sou de São Luiz também. Já rodamos bastante este país. Em matéria de conservação vocês estão superando a expectativa, mesmo com o progresso surgindo em linhas paralelas. Minha cidade só preserva, digo, só é preservada pela beleza natural que Deus a deu. Infelizmente lá só Deus conserva, enquanto o mundo dos políticos corruptos destrói tudo ao redor. Agradeço em nome dos meus olhos que se regosijaram com tanta beleza preservada neste Museu e nesta cidade. É realmente impressionante, esplêndido, o espetáculo que vocês nos proporcionaram. Obrigado, Blumenau! — Luiz Fernando.

**

— Foi com carinho que fiz esta "viagem de saudade" e com emoção encontrei aqui no Museu a fotografia de meu sogro que não conheci pessoalmente, mas aprendi a respeitá-lo e a quere-lo através de seus filhos. — Capitão Paulo Stein Jr. — Maria Emilia Schmidt Stein - Rio

**

— É bom saber que ainda tem pessoas que sabem valorizar o passado e cultivar a memória daqueles que ajudaram a tornar mais interessante cada coisa que existiu e existe na vida de cada um. — Maria Augusta Mendes — Curitiba.

Festa do Prato Típico já é tradição

Já está se tornando tradição em Blumenau, a Festa do Prato Típico, iniciativa do Clube Soroptimista local e que tem contado com valiosa colaboração da sociedade blumenauense, cuja renda sempre reverte em benefício de uma instituição de beneficência.

A festa realiza-se todos os anos, no sábado que antecede o Dia do Pai, no mês de agosto.

Há nove anos consecutivos — desde 1973, que o Clube Soroptimista promove o evento, tendo a primeira Festa ocorrido quando presidente a sra. Jamile Scheade Hartmann e aconteceu na sede do Tabajara Tennis Clube. Desde então, tem crescido o número de pessoas que prestigiaram o acontecimento. No corrente ano, isto é, no dia 7 de agosto, a festa foi realizada na sede do Guarani Esporte Clube, em Itoupaiva Norte, contando com a presença de quinhentas pessoas, o que quer dizer, êxito absoluto.

O produto da promoção, sempre tem sido destinado a instituições de caridade e fins sociais, entre as quais a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais e a PROMENOR.

O Clube Soroptimista de Blumenau foi fundado nesta cidade em 1961, constituído por senhoras e senhoritas da sociedade, oriundas das diversas categorias profissionais, com tempo disponível para dedicar algumas horas em benefício da instituição. Além da festa do Prato Típico, as Soroptimistas blumenauenses também ocupam-se com a manutenção de um bercário no Hospital Santo Antônio, além de outros benefícios que presta a pessoas e entidades carentes.

O Clube, no presente, é presidido pela Sra. Leonida Grahl, que afirma: "O sucesso das nossas realizações nunca se deveu ou se deverá à pessoa que se acha na sua presidência, mas sim, pelo harmonioso trabalho de equipe em que cada uma de nossas companheiras empresta o valor de sua participação. Sem isso, nada se conseguiria fazer".

Biblioteca Dr. Fritz Müller aniversariou 30 anos de serviços prestados

A primeira Biblioteca organizada com o intuito de servir a comunidade blumenauense foi a da "Kultur Verein" (Sociedade de Cultura Agrícola) fundada em 1863. Mais tarde, por volta de 1880, a Comunidade Evangélica, o Colégio Franciscano, a Escola Nova e algumas sociedades recreativas e escolares também organizaram suas bibliotecas.

Em 1940, na gestão do prefeito José Ferreira da Silva, foi constituída a primeira Biblioteca Pública. Funcionando em precárias instalações (uma pequena sala no prédio da Prefeitura) já no primeiro ano de funcionamento contava em seu acervo com 3 mil volumes. Sem devi-

do apoio dos governos seguintes, a Biblioteca não fez jus ao progresso sócio-cultural da gente blumenauense.

Só em 1952 o Prefeito Hercílio Deeke, assessorado na área cultural pelo professor e historiador José Ferreira da Silva, criou através da lei municipal 354, de 30 de julho daquele ano, a "Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller. Com esta lei os livros e demais impressos pertencentes à biblioteca sediada na Prefeitura foram destinados à recém-criada.

Para sua instalação num prédio próprio, que também deveria abrigar o Arquivo Histórico do Município, ficou o Poder Executivo autorizado a abrir o crédito necessário, o que não aconteceu.

Entregue ao professor José Ferreira da Silva, por mais de dez anos funcionou num antigo prédio da Sociedade Amigos de Blumenau.

Somente na segunda gestão (1961 a 1966) de Hercílio Deeke é que foi determinada a construção do prédio (atual) da Biblioteca cuja inauguração deu-se em 1963.



Estantes superlotadas exigem maior espaço e melhores instalações

De 1963 para cá foi bastante grande o crescimento da Biblioteca Fritz Müller. Os poucos milhares de exemplares, graças às aquisições feitas e especialmente às substanciais doações por parte dos blumenauenses amigos da Biblioteca aumentaram consideravelmente.

Seu acervo atual é de 68.319 títulos, excluindo-se revistas e periódicos.

No relatório do ano passado foi registrado um total de 10.293 empréstimos de livros e 19.211 consultas, especialmente pelos estudantes.

Suas atuais instalações já estão tornando-se exíguas para abrigar este colossal acervo bibliográfico. Suas estantes superlotadas (foto) requerem mais espaço e instalações mais apropriadas.

Com a construção do prédio do "Arquivo Histórico José Ferreira da Silva", cujo início está previsto para este ano, nas suas dependências deverá instalar-se a Biblioteca Fritz Müller. O prédio (quatro andares) em estilo enxaimel, será erigido no mesmo local onde atualmente encontra-se a Biblioteca Fritz Müller, na Alameda Duque de Caxias. As paredes (provisórias) da atual Biblioteca serão demolidas.

Seus alicerces, entretanto, construídos para suportar até quatro pavimentos, serão utilizados na nova construção.

Na realidade a atual Biblioteca Fritz Müller não será derrubada.

Agora sim será edificada de conformidade com seu projeto original, oferecendo espaço suficiente para abrigar seu grande acervo bibliográfico e acomodar as diversas seções da "Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller".

Blumenauenses prestigiaram sua Biblioteca

Esteve literalmente tomada a sala de leitura da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller, quando esta comemorava seus trinta anos de fundação (30 de julho de 1982). Em rigozijo à data a Fundação Casa Dr. Blumenau, entidade responsável pela biblioteca, na noite do dia 29 apresentou um programa cultural que constou da entrega de prêmios aos vencedores do Concurso de Desenho sobre Ecologia; inauguração de uma mostra documental alusiva ao Dia do Colono e do Imigrante; e o lançamento do livro-tese "Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau", de autoria da professora Sueli Maria Vanzuíta Petry.

No ato de abertura fizeram uso da palavra o diretor executivo da Fundação Casa Dr. Blumenau, jornalista e escritor José Gonçalves, quando discorreu sobre as origens e desenvolvimento da Biblioteca Fritz Müller; e a professora Sueli Petry, autora da tese de mestrado aprovada pela UFSC e transformada em livro pela Fundação Casa Dr. Blumenau.

Na mesma oportunidade foram entregues os prêmios aos vencedores do Concurso de Desenho sobre Ecologia promovido pela Biblioteca Fritz Müller e que contou com o apoio da AEMA - Assessoria Especial do Meio Ambiente, Departamento de Cultura da Prefeitura e Escolinha de Artes de Blumenau. De âmbito estadual e dirigido a estudantes com até 13 anos de idade, dentre os 2.067 inscritos classificaram de 1º a 7º lugares os seguintes alunos: Daniella Antônia Casanova, de Xanxerê; Débora J. Fernandez Colégio Sagrada Família Blumenau; Décio Murilo Gauche, Escola Básica Santos Dumont, Blumenau; Maria

de Fátima Michalak, Escola Básica Monsenhor Sebastião Scarzello, Joinville; Rosane do Carmo Pocomaier, Criciúma; Fabiana de Fátima Cipriani, Colégio Estadual Prof. João Widemann, Blumenau; e 7º lugar Marcelo José Gonçalves, Colégio Sagrada Família, Blumenau.

Organizada pelo "Arquivo Histórico José Ferreira da Silva" foi inaugurada ainda uma mostra documental e fotográfica lembrando a passagem, dia 25 de julho, do Dia do Colono e do Imigrante.

Aproximadamente duzentas pessoas, entre convidados e consulentes, marcaram presença na Biblioteca. Entre os que foram prestigiar o evento encontravam-se o escritor Enéas Athanázio — Pres. do Conselho Municipal de Cultura; o acadêmico Theobaldo Costa Jamunda, representando a Fundação Catarinense de Cultura e a Associação Catarinense de Escritores; os poetas Martinho Bruning, Roberto Diniz Saut e Vilson do Nascimento; a escultora Elke Hering; a escritora Urda Alice Klueger; os professores Frei Odorico Durieux, Edith Kornmann, Wiegand Gerlach, Dorval Barbieri e outros; representantes de diversas Sociedades de Atiradores, além de inúmeros convidados, todos ligados ao meio cultural da cidade.

A História de Blumenau revela:

AS GRANDES DIFICULDADES NA ADMINISTRAÇÃO DA COLÔNIA

Extensa carta do Dr. Blumenau ao Presidente da Província, reclamando o atraso no fornecimento de verba e fazendo justificativas. (Dos Arquivos Históricos da Baixa Saxônia, copiados para Blumenau em Cadernos)

"Diretoria da Colônia Blumenau, em 31 de maio de 1870.
Ilmo. e Exmo. Snr.

Em respeitosa resposta ao aviso de V^a. Excia., de 20 do corrente, que me exige informações sobre o estado desta Colônia quanto à sua receita e despesas, obras realizadas e a realizar, caminhos e lavoura, cumpre-me dizer que, exibindo o último e extenso relatório desta Diretoria, apresentado a esta Presidência, todos os pormenores sobre a lavoura, a mesma desde então progrediu regular e satisfatoriamente, sendo certo e incontestável que este progresso e a exportação de produtos seria muito mais considerável se esta Diretoria tivesse melhores meios de poder satisfazer as urgentes necessidades dos colonos e sua população na matéria dos meios de comunicação.

Quanto às obras realizadas e a realizar, elas se restringem, infelizmente, exceto os indispensáveis e insignificantes consertos nos edifícios existentes desde que a falta de fundos fez completamente cessar os obras e a construção das igrejas católica e a casa de Oração Evangélica, aos meios de comunicação e nem estas pela absoluta e impró-

pria nula deficiência dos fundos concedidos pelo Governo Imperial podiam ser adiantados de maneira que correspondessem às mais inclináveis necessidades. A consequência foi e é que assim como esta Diretoria desde quase três semestres por amudadas vezes e constantemente o tem exposto e lastimado apresentando no mesmo tempo orçamentos e esclarecimentos minuciosos não só uma considerável parte das vias de comunicação existentes, como suas pontes e outras obras acessórias se acham em deplorável estado mais ainda que até hoje falta a um importante número dos cerca de 2.200 colonos entrados da Europa e estabelecidos nos últimos 20 meses, todo e qualquer caminho na extensão de cerca de 32.000 braças correntes e que nesta extensão também nem existem pontes!

É bem natural que sob a pressão deste calamitoso estado de coisas os infelizes colonos constantemente estavam e estão assaltando e atormentando a Diretoria, assim como também presenciou a Comissão de Inquérito, que há poucos dias se retirou desta colônia, e que eu passei e passo meus dias desde seis meses em aflições e constantes desgostos e contendas com os mesmos colonos em que, os recursos meus e seus sempre repellidos, fossem atendidos.

Ainda mais penosa e aflita foi e é esta situação, porque nem foi possível, pagar, conforme com o regulamento das Colônias e as formais promessas feitas na Europa, o considerável número de colonos (ilegível) e os adiantamentos, que ainda lhes competem efetivamente são devidos na importância total de Rs. 6:397.000 assim como o declarei repetidamente e ainda breve no meu ofício, dirigido a esta presidência em 26 de abril último, em queixas e clamores, que foram levantados pelos prejudicados, que em parte realmente se acham em má triste situação, visto que a Diretoria também não teve os fundos e meios para lhes dar serviço e ganho-na escola necessária que retumbaram nas gazetas e até nas folhas oficiais da Europa, dando lugar a amargas críticas sobre a fé das promessas feitas por expressa e repetida ordem do governo imperial, sem que infelizmente tais criticas pudessem ser respondidas e menos desmentidas.

Enfim, cumpre-me participar a V^a. Ex^a que, segundo as últimas cartas (do mês de março), que recebi de Hamburgo, o Barco Franklin devia subir do mesmo porto com emigrantes destinados, parte para esta e parte para a Colônia Dona Francisca. O número dos primeiros naquela data ainda não podia ser indicado com certeza provavelmente não será importante; mas até se não for grande, os imigrantes sempre devem ser desembarcados e transportados para cá, como sempre foi o caso e lhes foi e é prometido a Diretoria porém não tem meios alguns de satisfazer estas despesas, que se devem pagar em (ilegível) visto que se fazem no porto de Vila de Itajaí onde não se aceitam, assim como na própria Colônia, vales, e créditos emitidos por esta diretoria. No entanto, pode o dito barco que devia subir de Hamburgo em 26 de abril chegar nos próximos dias na Vila de Itajaí com os referidos colonos!

Imploro portanto, à V. Ex^a. tão respeitosa quão encarecida-

mente, que abone com os indispensáveis fundos à esta, a mais de treze meses, muito infeliz e mais fadada colônia e Diretoria, afim de que não fiquem totalmente anarquizados e desmoralizados sua administração, seus serviços e crédito conservados nos últimos tempos em sofrível andamento a boa ordem só a custos de imensa pena e sacrificios e por ter a diretoria se aproveitado de todos os recursos e expedientes possíveis e licitos, inclusive o crédito pessoal do Diretor e do Guardalivros, os quais porém finalmente se acham esgotados completamente e de maneira tal, que só podem ser restabelecidos pela liquidação de todos os débitos existentes.

Dos orçamentos apresentados e minuciosas informações que a seu respeito apresentei, consta que o último mínimo e este ainda efetivamente insuficiente — da despesa absolutamente indispensável desta colônia no corrente exercício não podia ser menor de Rs. 81:000,000. Tendo recebido até fins de fevereiro Rr. 30:000,00 solicitei pessoal e vocalmente em 26 de abril p.p. para os serviços dos meses de março e abril Rs. 27:000,000 recebi parte somente quinze contos que não serão suficientes para pagar os vencimentos dos empregados nem para resgatar todos os créditos e vales, até então emitidos, e muito menos ainda para os donativos e adiantamentos devidos e outros serviços. Além desta ficaram para contemplar os últimos dois meses maio e junho do exercício, cada um com os Rs. 12:000\$000 anteriormente pedidos. — Descontando-se da importância do orçamento Rs. 81:000\$000 — os Rs. 45:000\$000 até agora recebidos ficaram portanto ainda para receber rs. 36:000\$000.

No entretanto vi-me constrangido, lancar mão para as despesas para o trimestre de janeiro a março da quantia de Rs. 18:175\$810, que então existia no cofre, proveniente da venda de terras e reembolso de dívidas dos colonos; e já apresentei à Presidência a competente conta acompanhada dos documentos comprobatórios. Esta quantia porém, destinada conforme o regulamento por esta Diretoria em Junta colonial para outros serviços executar no novo exercício de 1870/1871 e exluídos no respectivo orçamento, apresentado à quase três meses, deveria e também havia de ser restituída ao cofre e ficar disponível para o novo exercício, se os Rs. 26:000\$000 acima mencionados real e integralmente fossem pagos a esta Colônia assim como (ilegivel) do Governo Imperial. Deixando porém esta questão a esta Colônia os Rs. 17:824\$190 que faltam para completar a quantia de Rs. 81:000\$000 (contos) do corrente exercício. Fazendo eu a distribuição dos diferentes serviços, devia contar e contei tanto mais com esta mesma quantia, porque não foi possível conservar em marcha regular a administração da colônia senão por meio da emissão de vales e créditos, que com a referida quantia devem ser resgatados no fim do exercício. Enquanto este resgate não tiver tido lugar, nem é possível a Diretoria, encerrar as contas do corrente trimestre e comprovar o balancete da receita e despesa do mesmo com todos os competentes documentos e quitações, visto que os credores não as passam senão quando ficaram satisfeitos com número e assim resgatados os vales e créditos emitidos.

Venho portanto rogar tão respeitosa quão encarecidamente, V. Ex^a. queira dignar-se de mandar pagar com a possível brevidade ao meu procurador nesta capital, o Sr. Fernando Hackradt, a referida quantia de Rs. 17:824\$190, para que esta Diretoria no atual fim do exercício possa saldar seus débitos, encerrar suas contas e logo apresentar o real balancete trimestral com os competentes documentos comprobatórios ficando no caso da falta de fundos por ora reservados à decisão do Governo Imperial a questão da restituição, ao cofre desta Diretoria, dos Rs. 18:175\$810 antes adiantados para as despesas do trimestre de Janeiro à Março próximo passado.

DEOS GARDE V^a EX^a.

Ilm^o e Exm^o Snr.

Dr. Francisco Pereira Corrêa

Presidente da Província

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XVI

Esgotos

S. C. Wahle

Na década dos 20s havia em Blumenau dois tipos distintos de esgotos — canalização aberta para o rio Itajaí Açu e efluentes em fossas.

As canalizações abertas, durante certo tempo, eram feitas em alvenarias revestidas de reboco de cimento. Porém, aquelas margens que estavam sujeitas a deslizos e desbarrancamentos, a alvenaria fora substituída por canaletas de madeira. As canaletas de madeira ofereciam a vantagem de reparos rápidos e econômicos. Habitualmente após as enchentes, as margens do rio Itajaí, bem como dos ribeiros afluentes, eram submetidos a deslizos, o que provocava o rompimento das canalizações de alvenaria e permitia o extravasamento dos efluentes, tanto líquidos, como sólidos. Da mesma forma, os muros de arrimo construídos nas margens do rio Itajaí eram destruídos pelos deslizos dos barrancos, executando aqueles que se localizavam sobre rochas, como era o caso do antigo Hotel Boa Vista, da propriedade do Sr. Seifert. Estas obras de arte não justificam grandes investimentos no subsolo, e cedo chegou-se à conclusão de que não era vantajoso investir dinheiro nos barrancos e que era preferível deixá-los como eram. As canaletas de madeira resolveram perfeitamente para a época.

As fossas eram originariamente muito primitivas, constavam de um buraco na terra e periodicamente levavam uma pá de cal. Somente na metade da década dos 20s, uma empresa introduziu as fossas sépticas que, entretanto, somente eram acessíveis aos mais abastados. O problema que as fossas provocavam era a contaminação subterrânea das águas potáveis. Da mesma forma, houve quem aproveitasse os resíduos sólidos das fossas, misturados com estrume animal e cal virgem, usando-os como adubo. Durante a década dos 20s, havia muitas ocorrências de tifo que, na época, supunha-se que se originava da aplicação dos resíduos sólidos nas hortas.

Revelações dos Arquivos Históricos

ATOS DA PRIMITIVA CÂMARA MUNICIPAL DA VILA DE BLUMENAU NO SÉCULO PASSADO

“Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, em 16 de fevereiro de 1884. — Ilmo. e Exmo. Snr. — A Câmara Municipal desta Vila tem a honra de devolver a V^a. Excia. os inclusos 34 requerimentos de diversos moradores deste Município, devidamente informados pela mesma, pedindo comprar terras ao Estado, tendo esta Câmara publicado editais de trinta dias sobre esse assunto. — Deus Guarde V^a. Excia. — Ilmo. e Exmo. Snr. Presidente da Província de Santa Catarina. — O Presidente José Henrique Flores Filho — José Joaquim Gomes, Otto Stutzer, Jacob Luiz Zimmermann e Henrique Altenburg”.

**

“Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, em 19 de março de 1884. — Ilmo. e Exmo. Snr. — Cumpre esta Câmara levar ao conhecimento de V^a Excia. que o interior deste Município foi vítima, nos dias 9 e 10 do corrente mês, de uma inundação, a qual produziu muitos prejuízos. Cerca de oitenta pontes, bueiros e canais foram arrebatados pelas águas que, em alguns lugares, subiram a um metro mais alto que na inundação de 1880.

Calcula-se de quinze a vinte contos de réis o valor da despesa com a construção dessas pontes, bueiros e canais. Não possuindo esta despesa, solicito a V^a. Excia. se digne pedir ao poder competente o auxílio da referida importância.

Esta Câmara nomeou uma comissão para examinar todos os estragos e fazer o orçamento dos prejuízos havidos e apresentar um relatório a respeito, o qual será transmitido a V^a Excia., a quem Deus Guarde. — Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Presidente da Província de Santa Catarina. — O presidente: José Henrique Flores Filho — José Joaquim Gomes, Jacob Luiz Zimmermann, Otto Stutzer e Louis Sachtleben”.

**

“Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, em 19 de março de 1884. — Ilmo. e Exmo. Snr. — A Câmara Municipal desta Vila tem a honra de devolver a V^a. Excia. os inclusos oito requerimentos de diversos moradores deste Município, devidamente informados pela mesma, pedindo comprar terras ao Estado, tendo esta Câmara publicado Editais de trinta dias sobre esse assunto. — Deus Guarde V^a. Excia. — Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Presidente da Província de Santa Catarina. — José Henrique Flores Filho, presidente — José Joaquim Gomes, Jacob Luiz Zimmermann, Otto Stutzer, Louis Sachtleben e Henrique Altenburg, membros”.

Do "Diário de Pernambuco", edição de 5/2/82, reproduzimos o seguinte:

"Cadernos municipais

José Luiz Delgado

Pernambuco vem desenvolvendo um programa, creio que pioneiro e inédito no Brasil inteiro, o da preservação e difusão da história de cada localidade interiorana — programa de que se incumbe uma unidade criada dentro da FIAM (Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco): o Centro de Estudos de História Municipal. Não me consta que outro Estado da Federação empreenda esforço igual, consciente e sistemático, em favor da memória de suas municipalidades. Por que, no entanto, os próprios municípios, que são, afinal, os principais interessados, não resolvem assumir boa parte desse esforço?

É a lição, a formidável lição, que nos chega de Blumenau, Santa Catarina. Pude deitar os olhos, na semana passada, sobre quatro números de uma publicação que se edita lá no Sul, "Blumenau em cadernos", e me maravilhei. É uma publicação simples — seja pela modéstia de sua apresentação gráfica, seja pela quantidade de páginas (apenas umas trinta, por número). Mas o importante, além do conteúdo, é o fato de que sai todo mês e já vai no tomo XXIII, cada tomo correspondendo a um ano. Deve, então, ter sido iniciada lá pelos idos de 1959!

Ao longo dessas pouco mais de duas décadas, terá publicado coisa de umas duzentas e trinta edições (se contarmos dez, não doze, números ao ano). É mesmo para impressionar. A regularidade, a perseverança, a fidelidade a um ideal, o amor ao torrão natal. E a quantidade de colaboradores!

Contei nada menos de onze diferentes — não onze sócios de uma instituição qualquer, difíceis de identificar, quanto mais de reunir; são onze colaboradores reais, onze cidadãos que se dispuseram a catar papéis velhos, esmiucar incidentes ultrapassados, rememorar episódios e personagens, tudo registrando para a posteridade.

Nem todos se dedicarão àquilo que se poderia chamar a "grande história" do município — e, aqui, nessa variedade de assuntos, eis outro encanto dessa publicação. Haverá quem se anime a descrever "curiosidades de uma época" ou se consagre às biografias dos vultos locais.

Outros resumirão a crônica particular de alguma instituição blumenauense ou alguma aventura de maior relevo.

Terceiros trarão revelações do Arquivo Histórico da cidade. O campo é praticamente infinito. Não esquecer, por exemplo, a genealogia, com bom espaço nesses "Cadernos": o desfiar, segundo regras e nomenclatura próprias, das descendências e dos parentescos.

Não quero deixar de destacar um tipo de colaboração que tenho por capital. Porque não há só o passado mais ou menos remoto, a co-

nhocer e divulgar. Há ainda o passado recente, que é preciso, já e já, impedir que se perca.

As vezes, de tanto cuidar da história mais longinqua, o cronista termina desligado da que se desenrola sob seus olhos, aquela de que poderia dar preciosíssimo testemunho. Pois "Blumenau em cadernos" não descursa nem isso: e, a cada número, vai registrando o que aconteceu no mês anterior. Se esses "Cadernos" vierem fazendo isso desde sua criação, vinte e três anos atrás, que rico repositório da vida local já não estaria contido neles!

Quanto de nossa historiografia luso-brasileira não nasceu desse sistema? Ainda hoje na Espanha existem "crônicas oficiais locais", que suponho funcionários da municipalidade, encarregados de ir registrando, ano a ano, as principais "acontecências". Noutros tempos, decerto mais gloriosos, nossa Faculdade de Direito também tinha isso: designava, a cada período letivo, um professor para redigir sua "memória histórica". Quem andou esboçando, faz pouco, um registro assim abrangente e completo, tanto de nossa vida cultural quanto administrativa, foi dr. José Césio Rgueira Costa, na revista "Arquivos": publicação que terminou, todavia, sem a continuidade que merecia.

Por que nossos municípios não seguem o exemplo de Blumenau? Não seria um bom programa de governo, para os prefeitos que vão ser eleitos no próximo 15 de novembro? Por que não criar, em cada localidade, "Cadernos" assim? Não consegui descobrir se a experiência de Blumenau é iniciativa pública ou particular. De qualquer modo, à falta de particulares com condições de topar o empreendimento, o poder público deve tomar a frente, estimular, incentivar, reunir o pessoal capaz, entusiasmar os literatos do lugar, o velho memorialista, o funcionário do cartório, a professorinha, as escolas — não poderiam estas, por exemplo, incluir, entre as tarefas discentes, pesquisas sobre episódios específicos da história local? Até poderiam restaurar a figura do "cronista oficial" desde que imparcial, todo ao contrário do tão difundido propagandista governamental. Em tudo isto, o grande interessado é o próprio Município. Este, é desafio seu. Com certeza, o Centro de Estudos de História Municipal não faltaria com seu apoio, seu estímulo, sua orientação.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau continua

Na presente edição estamos iniciando a publicação, em capítulos, do futuro segundo livro do escritor Nemésio Heusi, autor de "História Romanceada de Blumenau e do Seu Fundador", editado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" em 1981.

Trata-se, agora, dos antecedentes históricos que culminam com a vinda do Dr. Blumenau ao Brasil, em 1947, surgindo, nesta segunda obra, muito bem elaborada pelo autor, fatos dos mais interessantes da trajetória do então jovem estudante de química e de filosofia, pela Europa, seus contatos com personalidades da época e, finalmente, seu entusiasmo pela idéia de fundar uma colônia de alemães no Brasil.

Portanto, a partir deste número, os prezados leitores estarão em contato com esta nova obra de Nemésio Heusi, que contribui substancialmente para o enriquecimento da história da colonização desta região.

José Gonçalves

—0—

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

AS ORIGENS DA COLONIZAÇÃO DE BLUMENAU

Considerações em torno da escolha do local

I

Quem como eu estudou e pesquisou durante dois anos a história da colonização de Blumenau, para depois, em sete meses escrever a "HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR", ficou deveras impressionado, com o "porquê" da escolha do local, bem no sertão da província catarinense, quase ao pé da serra do Mar, e bem perto de onde começam os saltos, dificultando a navegabilidade do magestoso Itajaí-açu.

— 233 —

Voltando o meu pensamento para o passado, não muito distante, lembro-me então do saudoso e querido amigo José Ferreira da Silva, quando me dizia, não uma só vez, porém muitas e muitas vezes, sempre entusiasmado e convicto:

—Nada mais fantástico do que escrever sobre história, e nada mais fascinante do que escrevê-la sobre a vida e a obra do Dr. Blumenau. Um dia você ainda irá confirmar-me o que te acabo de dizer.

Essas palavras proféticas de Ferreira da Silva, hoje como ontem quando escrevi meu livro as confirmo, porque ao escrevê-lo senti tal fascínio, não só pela vida e a obra do grande fundador, como de muitos de seus mais ilustres colonos, tanto que, pela grandeza da sua substância social, econômica e sentimental, que tanto engrandeceram as lutas diárias nos difíceis primórdios da colonização de Blumenau, das famílias, entre muitas outras, Mueller, Hoepcke e Hering, romanciei-as, porque não resisti não só o fascínio, como diria Ferreira da Silva, como também o admirável conteúdo humano que elas traziam em seus caracões, e como ideal maior: a prosperidade e a grandeza da Colônia. Por isto, elas ergueram pedra por pedra os sólidos alicerces da Colônia, para nele assentar-se a progressista e hospitaleira Blumenau de nossos dias, conquista e realidade do sonho sempre sonhado dos Pioneiros.

Continuemos, portanto, procurando encontrar as várias razões que levaram o Dr. Blumenau a tomar certas atitudes e motivos para muitas de suas medidas que, no seu conjunto, acabaram se corporificando na gigantesca obra colonizadora. Os anos confirmaram os seus acertos extraordinários, e aí está sua gloriosa Cidade de Blumenau.

Portanto, em se analisando a origem, há que se levar em conta, não só na época da colonização, como muito antes dela, a sociologia brasileira dos séculos, Colonial e Imperial, e, nesse último, quando realmente, se processou a colonização do Dr. Blumenau.

II

O Dr. Blumenau antes de empreender sua viagem ao Brasil foi grandemente influenciado por dois sábios alemães, tanto que deles recebeu cartas de apresentação para as autoridades brasileiras. Eram ambos seus amigos: Humboldt e Martius, este seu antigo professor de botânica. Tanto um como outro, em épocas diferentes, estiveram no Brasil, no começo do século XIX.

Humboldt explorou a América tropical, e seus trabalhos contribuíram para o desenvolvimento da climatologia, geologia, biogeografia e oceanografia, mas, Dom João, lá em Portugal, achou que Humboldt havia entrado "clandestinamente" no Brasil, e era algum "espião". Assim houve, por vergonha nacional, "expulsá-lo" da sua colônia de além-mar, por ser "perigoso" à segurança nacional, ou coisa que o valha. No entanto, alguns aninhos depois, o perigo que ele pensava estar em Humboldt, estava bem perto de Portugal, na França, exatamente em Paris. Era Napoleão, que, invadindo Portugal, for-

çou Dom João a mudar-se com armas e bagagens para sua Colônia, graças a Deus, em pouco terminando, com a nossa colonização que levou, “apenas”, três longos e intermináveis séculos, sim porque, com a vinda de Dom João para o Brasil, nos trouxe completas transformações políticas, sociais e econômicas.

Já, Martius, veio ao Brasil junto com Spix, para o casamento da Arquiduquesa Leopoldina com o Príncipe Dom Pedro, futuro Imperador do Brasil e pai de Dom Pedro II.

Humboldt veio em 1799 e Martius em 1817, quando este estudou a Flora Brasileira, escrevendo notável livro sobre ela.

Não há a menor dúvida que esses dois cientistas e sábios alemães, não só estudaram o que diz respeito as suas especialidades, como muito especialmente, se inteiraram de toda a história social brasileira, desde nossa formação pastoril do século XVII. Nasceu tudo com a fundação de São Paulo em 1554, constituindo-se como “indústria” e forma de conquista e povoamento.

O pastoreio era o antecedente obrigatório da agricultura, segundo Oliveira Viana em “Populações Meridionais do Brasil-I” e mais ainda: “O sertanista povoador, por onde vai passando, deixa, como prova de sua passagem e sinal da sua posse, um curral. Depois de metido o gado, alega esse fato, e os dispêndios e as lutas com o gentio — e pede a sesmaria assim preliminarmente “povoada”.

Mas! O que é o curral?

Quem muito bem diz sobre curral é Miguel Aires Maldonado, que, em 1664, escreveu seu “Roteiro dos Sete Capitães”, dando-nos um colorido vivo a maneira rápida pela qual os velhos bandeirantes paulistas realizavam a fundação dos currais e dela se valiam para se tornarem os grandes latifundiários, quer em terras paranaenses, catarinenses e gaúchas.

“O primeiro curral, diz Maldonado, — descrevendo sua viagem aos campos goitacazes, — foi levantado no dia 8 de Dezembro de 1663, pelo Capitão João Castilho, em terras que para esse fim lhe cedeu o Capitão Miguel da Silva Ricardo, por achá-las aquelas mais próprias que as do seu quinhão. Na mesma ocasião se engendrou uma chopana coberta de palha para o curraleiro, que era o índio Valério da Cursunga. Neste ficaram três novilhas, uma vaca e um touro”.

Depois do curral, ponto de partida do povoamento, vem a fazenda, o engenho, o arraial, a povoação e a vila.

Lajes é um exemplo, Palmas e Curitiba outros.

Há, ainda, a considerar-se a “moral” desses sertanistas, os quais devem ter deixado preocupados tanto Humboldt como Martius, quando os estudaram ou deles se informaram. Vejamos então o que nos diz Washington Luiz, — “Capitania de São Paulo”, p. 93: — O Paraná foi fundado por Domingos Caneda, “homem régulo e matador; Santa Catarina por Dias Velho, “fugitivo por seus delitos; Laguna por Francisco Brito e seu irmão, “fugitivos das justiças por régulos e matadores, a quem seguiram logo outros carregados de culpas”.

Estas declarações de Washington Luis foram publicadas em

1792, na Revista do Instituto Histórico de São Paulo, XVI, p. 188, incluídas em Oliveira Viana, "Populações Meridionais do Brasil - I".

Alguns anos depois, chegaram ao Brasil Humboldt e Martius.

Mas entre muitos exemplos, há mais ainda do mesmo Oliveira Viana: "Ao levar até Lajes a colonização vicentina, Correia Pinto encontra já afazendado naquelas paragens, um caudilho terrível, Pedro Silva Chaves, que ali se achava refugiado "por crime, segundo se diz, e vivendo à lei da sua vontade".

As bandeiras eram uma pequena "nação" de nômades, organizadas solidamente sobre uma base de poderes absolutos e ilimitados, com espírito guerreiro, até mesmo as de colonização.

O bandeirante era, ao mesmo tempo, o patriarca, o legislador, o juiz e o chefe militar, recebendo do Estado um regimento, que lhe outorga atribuições magestáticas. Ele exerce funções judiciais; decide sobre a partilha dos índios escravos e dos descobertos; faz a arrecadação e o inventário dos bens deixados pelos bandeirantes mortos no sertão; julga dos casos crimes, até a pena de morte.

Tem para estes fins os seus escrivães, os seus meirinhos, os seus ritos processuais, e, como não podia faltar, a igreja faz-se acompanhar através do sacerdote para os serviços religiosos. Era como muito bem diz Oliveira Viana: "Uma pequena nação de nômades".

Os bandeirantes se espalharam por todo Brasil, de Norte a Sul, de Oeste a Leste, povoando o país, impondo a língua portuguesa, e foram, indubitavelmente, os alicerces da nossa unidade territorial, social, cultural econômica, e o que é mais importante, a unidade da nossa língua portuguesa, espalhada e solidificada pelos oito milhões e meio de quilômetros quadrados, do nosso rico e imenso território brasileiro, tantas vezes cobiçados pelo mundo inteiro, e, por muitas vezes, tentaram invadir nosso solo colonial, sempre expulsos pelos intrépidos e aguerridos defensores brasileiros, imbuídos de notáveis sentimentos de lutas, aprendidos nas bandeiras guerreiras e colonizadoras, semeadoras de tão sólidos espíritos cívicos.

Com as bandeiras surgiu, então, o novo tipo étnico, e deste a grande mestiçagem da raça brasileira, vejamos então, novamente, Oliveira Viana — "Populações Meridionais do Brasil — I" p. 100 e 101:

"Um fato porém, de caráter puramente colonial, altera profundamente essa composição inicial do baixo povo dos campos.

Logo depois das primeiras fundações vicentinas, essa plebe rural entra a receber contingentes estranhos, vindos de origem completamente diversa. São os transbordos das senzalas repletas, as récovas da escravaria, o sobejo da mestiçagem das fazendas. São os mamelucos. São os cafuzos.

São os mulatos alforriados. Egressos do trabalho rural esses mestiços repululantes fogem da servidão dos engenhos para a vida livre do colonato.

Essa infiltração étnica é formidável. Os elementos brancos, localizados nas terras sobreexcedentes dos latifúndios, acabam afun-

dindo-se nessa ralé absorvente que, um pouco mais tarde, se fará o peso específico da população dos moradores.

Novo tipo étnico, feito para complicar ainda mais a heterogênea sociedade vicentina, a aparição dessa mestiçagem pululante é uma conseqüência direta do domínio rural. Ele é o centro de convergência das três raças formadoras do nosso povo. Os contingentes humanos vindos da Europa, da África e dos platôs americanos, aí se aproximam. O latifúndio à sua mistura. Pondo em contato imediato as três raças, ele se faz um esplêndido núcleo de elaboração do mestiço.

É, realmente, o latifúndio, na época colonial, o campo de padreação por excelência. Nele os brancos — os senhores, a parentela dos senhores, os seus agregados — exercem uma função culminante. São os reprodutores, os seus agregados — exercem uma função culminante. São os reprodutores da índia, os garanhões fogosos na negralhada. Alguns deles, mesmo entre os mais nobres, só deixam “filhos naturais e pardos”, segundo o testemunho do Conde da Cunha.

Dentre os representantes dos três grupos, concorrentes no latifúndio, é o luso o único que vem sozinho e solteiro, na sua qualidade de homem de aventura. Mergulhado no esplendor da natureza tropical, com os nervos hiperestesiados pela ardência dos nossos sóis, ele é atraído, na procura do desafoço sexual, para esses vastos e grosseiros gineceus, que são as senzalas fazendeiras. Estas regurgitam de um femeaco sadio e forte onde, ao par da índia lâmguida e meiga, de formas aristocráticas e belas, figura a negra, ardente, amorosa, prolífica, seduzindo, pelas suas capacidades caseira excelente, a salacidade frascária do luso.

Dessa feição varonil e aventureira do contingente luso resulta a predominância numérica do mameluco e do mulato sobre os três tipos originários e sobre o subtipo cafuso. Este, devido à sua repulsa do índio pela negra, não tem grante proliferação ao sul. O tipo diferencial dominante é o mameluco, que se faz, nos primeiros séculos, base da população colonial. Mais tarde, com a crescente substituição do índio pelo negro escravo na economia rural, surge progressivamente nos domínios agrícolas do sul, como elementos numericamente predominante, o mulato, com suas inumeráveis variações somáticas e morais”.

Cocluí-se, portanto, depois de Oliveira Viana, que a mestiçagem foi ficando atrás das caminhadas e pegadas das bandeiras, em todo o Brasil Colonial e mesmo no Imperial.

Não resta a menor dúvida que, tanto Humboldt como Martius, conheciam, como cientistas e estudiosos, esse quadro social brasileiro, e na época que estiveram, o primeiro, em fins do Século XVIII, e o segundo no começo do Século XIX, a situação dessa mestiçagem predominava, acentuadamente, sobre os brancos, que eram uma pequena minoria.

De todas as regiões as menos atingidas por tais fenômenos raciais foram: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Entre os três Estados sulinos foi, de fato, Santa Catarina muito pouco alcan-

çada. Apenas em Lages, Laguna e o Desterro foram paragens das bandeiras vicentinas. Portanto, estavam livres as terras banhadas pelo Itajaí-açu dos mamelucos, mulatos e cafuzos, o que se pode dizer, não proliferava a mestiçagem, e os cientistas alemães Humboldt e Martius deviam ter-se inteirado dessa realidade social, como bem sabiam das suas exuberantes e ricas florestas que se situavam na Província de Santa Catarina, e, muito especialmente, no "verde vale" do Itajaí-açu.

Quando sua canoa encostar no barranco do rio majestoso, bem no âmago da selva catarinense, não será mais o farmacêutico, mas sim, o jovem colonizador Hermann Bruno Otto Blumenau que pisará pela vez primeira onde dantes nenhum homem civilizado pisara, e então, olhos voltados para o céu, e fixos no passado não muito distante, se lembrará de Humboldt e de suas últimas palavras ao se despedir dele naquele memorável encontro de 2 de fevereiro de 1842, na histórica Erfurt: "Meu jovem! Não escolha outro país. Vá, vá para aquela imensidão verde que é Brasil, e muito bem disse o seu primeiro cronista, Pero Vaz de Caminha: ... "A terra é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo..."

E ali sem mais dúvidas, estaria naquele chão generoso a escolha do futuro local de sua colônia, que seu velho sonho de colonizador premeditara, implantar "sua pequena Alemanha bem no coração do Brasil".

A sua tão sonhada Alemanha, bem longe das senzalas e das mestiçagens que, então, infestavam as metrópoles brasileiras.

(Continua no próximo número)

Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que a primeira torrefação de café, na cidade de Itajaí, foi estabelecida em 1907, pelo comerciante Manoel Antonio Fontes, em fins daquele ano, que a montou na Barra do Rio?

**

... que em 1906 um Trust de fósforos ofereceu ao Sr. Frederico Busch, de Blumenau, 20 contos de reis, (Rs. 20:000,00) pelo fechamento de sua fábrica de fósforos "Dominó, mas esse distinto industrial exigiu o triplo daquela quantia?

**

... que os primeiros moradores do Rodeio, eram de oridem italiana, que vieram em sua grande maioria do Tirol, dominado, naquela época, pelo império austriaco?

**

... que Pedro Palm, filho de um dos primeiros alemães que em

1828 vieram para São Pedro de Alcântara, e que, com Pedro Müller e outros foi se estabelecer na então Vila de Itajaí, próximo à Barra do Rio, foi o primeiro a construir casa de tijolos naquela cidade?

**

... que Stefan Kuhn, que era alemão de nascimento, residente em Tijucas, exercendo o cargo de Coletor Estadual, e onde faleceu em 25 de Outubro de 1906, afeiçoara-se de tal forma ao Brasil que resolveu abraçar o seu nome, passando-se a chamar Estevão Cunha?

**

— que entre 1875 e 1879 haviam chegado a Blumenau e aqui se fixando, nada menos do que 1.383 colonos tirolezes e 945 italianos?

**

... que foi em 1893 que os padres franciscanos estabeleceram residência em Rodeio, próximo à capela da Madonna Addolarata, em terras que lhes foram doadas por Valentino Fruet?

**

... que, depois, em 4 de Junho de 1899, os franciscanos inauguraram, em Rodeio, um templo dedicado a São Francisco de Assis, sendo naquela época uma das maiores igrejas do Estado?

**

... que em Março de 1910, foi fundada em Brusque a pequena Orquestra de Câmara, sob a direção de Primo Diégoli, fazendo parte dela ainda Wilibald Stracke, Julio Laux, Gustavo Krieger, Luiz Luebke e Guilherme Diégoli?

**

... que no mesmo mês e ano foi fundada, em Brusque, sob a orientação do Sr. Antônio Schwartz a Banda de Música "Concórdia" e sob a orientação dos Revdos. Padres Moeller Hannahof o "Côro Católico"?

**

... que o rebocador "Jan", que por muito tempo serviu ao transporte de cargas entre Blumenau e Itajaí foi vendido em Janeiro de 1907, pela quantia de 10 Contos de Reis (Rs. 10:000\$000) à Comissão de Melhoramentos da Barra e Porto de Itajaí, passando a chamar-se "Itajaí"?

**

... que a estação telegráfica de Florianópolis (então Desterro) foi inaugurada em Dezembro de 1866; a de Itajaí e a de Laguna em Janeiro de 1867 e a de São Francisco em Fevereiro do mesmo ano?

**

... que a primeira embarcação a vapor a entrar na barra e sulcar as águas do Rio Itajaí Açú, foi o barco da marinha de guerra do Brasil, "Dom Pedro", fato ocorrido em 4 de março de 1857?

(Excertos do Tomo XII de "Blumenau em Cadernos")

ACONTECEU... --- Julho de 1982

— DIA 1º — Relatório apresentado pela Fundação “Casa Dr. Blumenau ao prefeito Ramiro Ruediger, informou que a Biblioteca Municipal” Dr. Fritz Müller apresentou durante o mês de junho último, um total de 771 empréstimos e 3.338 consultas das 68.391 obras existentes em seu acervo.

**

— DIA 1º — Neste dia, o calendário registrou a passagem do quinto aniversário de início de atividades da Biblioteca Ambulante lançada pela Fundação “Casa Dr. Blumenau”, complementando o serviço que já vinha prestando a Biblioteca “Dr. Fritz Müller”. Este serviço lançado dia 1º de julho de 1977, representa um serviço pioneiro em Santa Catarina.

**

— DIA — 2 Neste dia, o professor Alceu Longo, da Assessoria Especial do Meio Ambiente da Prefeitura, informou ao público que, tendo se encarregado dia 30 de junho o prazo para que as empresas poluidoras instaladas em Blumenau entregassem os projetos de controle da poluição das águas e do ar, foi registrado o recebimento de 25 projetos, entre os quais de algumas das mais poderosas e importantes indústrias blumenauenses.

**

— DIA 5 — Chegou a Blumenau, acompanhado de sua esposa dona Gudrun, o prefeito da cidade alemã de Branschweig, Dr. Peter Lamberg, que veio a Blumenau para ampliar os laços de intercâmbio cultural entre sua cidade e Blumenau.

**

— DIA 7 — Neste dia, o prefeito Dr. Peter Lamberg, de Braunschweig, inaugurou, juntamente com o prefeito Ramiro Ruediger, a “Pua Braunschweig”, localizada no loteamento Portal da Saxônia.

**

— DIA 17 — Trinta e dois alunos colaram grau, neste dia, na Escola de Enfermagem de Blumenau, anexa ao Colégio Sagrada Família. A solenidade foi presidida pelo prefeito Ramiro Ruediger, tendo como convidado de honra o ex-prefeito Dr. Renato de Mello Vianna.

**

— DIA 24 — No Centro Cultural 25 de Julho realizou-se o espetáculo a “Noite do Folclore”, com a participação dos Grupos Folclóricos de São Bento do Sul, de Rodeio e de Pomerode, cujo espetáculo contou com grande público.

**

— DIA 25 — Tendo como sede o Clube de Caça e Tiro Testo Salto, realizou-se neste dia, a primeira etapa do XI Encontro Blumenauense de Atiradores, com o desfecho do Torneio de Tiro, reunindo 24 sociedades, tendo no final do dia, sido proclamada campeã a equipe

da Sociedade Esportiva Caça e Tiro Itoupava Norte, com 878 pontos, seguida da equipe da S. R. E. Itoupava Alta, com 867 pontos.

**

— DIA 29 — No recinto da Biblioteca Municipal “Dr. Fritz Müller”, realizou-se a solenidade de lançamento e noite de autógrafos do livro “Os Clubes de Caça e Tiro da Região de Blumenau”, da professora Suely Maria Vanzuita Petry, cujo acontecimento contou com a presença de numeroso público.

**

— DIA 30 — Relatório apresentado ao prefeito Ramiro Ruediger pela Secretaria de Agricultura, destacou a entrega de prêmios feita aos agricultores que mais se destacaram naquele mês no uso racional da terra, como sejam: Helmuth Wruck, da Fortaleza e Vitor Mantau e Werner Grunke, da Tatutiba III. O relatório informa ainda que a equipe de vacinadores beneficiou 711 propriedades, com 1.617 vacinas contra diversos males. O serviço de inseminação utilizou 148 ampolas e o Horto Florestal distribuiu gratuitamente 2.400 mudas de árvores diversas. A Patrulha Mecanizada trabalhou 1.345 horas, atendendo 230 propriedades em 11 localidades rurais.

O “Kolonie-Zeitung”

Elly Herkenhoff

(Continuação)

É interessante notar que o nosso “Jornal da Colônia” nasceu como “Colonie - Zeitung” — com C inicial — de acordo com a ortografia então ainda em uso. Havia, porém, uma tendência generalizada nos países de língua alemã, no sentido da substituição do C pelo K em determinação das palavras de origem latina, como: Kolonie, Kultur, Konkurrenz,, etc.

Aos poucos, os autores alemães mais categorizados foram aderindo à grafia germanizada de tais palavras, passando a escrever: Kolonie, Kultur, Konkurrenz, etc. E o “Kolonie-Zeitung”, adotando a grafia modernizada, surgiu de cabedal novo — talvez para a surpresa geral — no início do ano de 1869, seis anos depois da fundação.

Em janeiro de 1871, Ottokar Doerffel, então já sobrecarregado de afazeres como tesoureiro da Diretoria da Colônia e como autor de vários livros sobre Dona Francisca, entregou a direção do Jornal ao professor Carl Julius Parucker, seu conterrâneo e, como ele próprio, um “Achtundvierziger”, também imigrado em 1854. C. J. Parucker sempre se destacou como poeta repentista e crítico mordaz e sempre foi um dos mais assíduos colaboradores de “Kolonie - Zeitung”, mesmo depois

de ter deixado a direção, C. J. Parucker faleceu a 12 de abril de 1902, enquanto seu amigo Ottokar Doerffel descansou a 18 de novembro de 1906.

Em janeiro de 1873 a empresa passou às mãos do tipógrafo Carl Wilhelm Boehm, cujo nome se ligaria para sempre à longa história do "Kolonie - Zeitung" e, conseqüentemente à História de Joinville e de todo o Norte Catarinense. Nasceu Carl Wilhelm Boehm no ano de 1826 em Glogau, na então Silésia, Alemanha, onde aprendeu o ofício. Imigrando em novembro de 1857, em companhia da mãe então já viúva, estabeleceu-se no núcleo colonial "Annaburg", na Estrada do Sul, acreditando-se apto para a vida na roça — ele que, na Alemanha, fora feitor de tipografia na grande empresa editora Westermann, em Braunschweig. Contratado por Ottokar Doerffel já em 1858, para dirigir a oficina do jornal, somente quatro anos mais tarde pôde realmente assumir o cargo. E isto exatamente um mês antes de casar-se com a jovem Therese Alwine Obst, em janeiro de 1883 — a jovem que seria a "Frau" Boehm (senhora Boehm), a esposa, a mãe, a dona-de-casa, a colaboradora e companheira de trabalho, infatigável, durante a longa e difícil caminhada, até que a morte os viesse separar, a 15 de setembro de 1889, quando Carl W. Boehm faleceu.

Na edição comemorativa do cinquentenário de fundação a 20 de dezembro de 1912, lê-se em longa retrospectiva, o seguinte trecho:

"Decerto que existem, nos mais diversos países do mundo, numerosos jornais com a mesma idade ou até mais antigos do que o "Kolonie-Zeitung". Mas, nenhum deles nasceu em condições idênticas, apoiado tão-somente sobre a força de vontade e a perseverança de seus fundadores. A parcimônia e a energia férrea foram os substitutos da base material. O "Kolonie-Zeitung" ensaiou, por assim dizer, os seus primeiros passos em plena floresta virgem, participando sem esmorecimento de toda a imensa carga de sacrifícios e abnegações da recém-fundada comunidade. A batalha cultural e pioneira, travada dentro das quatro paredes da oficina, então existente na clareira aberta no local onde hoje se localiza o Jardim Público, não foi, por certo, menos árdua e menos amarga do que a do colono desbravador da floresta virgem."

E, prateando a ausência dos fundadores, então já falecidos, o autor do retrospecto se refere à "Frau" Boehm, nos seguintes termos:

"Mas, a tristeza e a melancolia que sentimos, são atenuadas pela satisfação de termos ainda entre nós a sua infatigável — sempre infatigável — colaboradora, a auxiliar mais fiel, mais abnegada que, em qualquer época, a uma empresa foi dado possuir: a Mãe do atual proprietário e redator do jornal. O mesmo carinho, o mesmo devotamento, o mesmo espírito de sacrifício com que, há 50 anos, atrás, labutava ao lado do marido, diante da caixa da tipografia, a princípio, e mais tarde também na expedição, ainda hoje ela demonstra junto ao filho, e nenhum número do Jornal foi lançado durante este meio século decorrido, nenhum número de que não tenha participado ou que não tenha passado por suas mãos. A expedição continua, até o dia de hoje,

o seu campo de ação. É onde ela "reina". E ela não quer saber de "Aposentadoria", de modo algum.."

Após o falecimento de Carl W. Boehm, o seu filho Otto, nascido em Joinville a 15 de março de 1868 e criado, por assim dizer, dentro da tipografia, viu-se à testa da empresa. E apesar de sua pouca idade, soube dirigir a obra deixada pelo pai com energia incomum, anexando aos poucos à tipografia várias seções importantes, como litografia, pautação, encadernação e confecção de caribos de borracha. Durante mais de 30 anos, até pouco antes de sua morte, ocorrida a 18 de maio de 1923, Otto Boehm foi o batalhador incansável, o comentarista infundível, ligado de corpo e alma ao seu Jornal, num período de grande expansão, mas também de imensas dificuldades, surgidas durante a I Guerra Mundial, já pela inclusão da empresa na "lista negra" inglesa — a poderosa arma na guerra econômica — já pelos problemas resultantes da proibição de quaisquer jornais em língua alemã no Brasil, depois de declarada a guerra ao "Reich" alemão, em outubro de 1917.

O "Kolonie-Zeitung" passou a circular como noticioso redigido em Português, sob o título "Actualidade", a partir de 6 de novembro de 1917, até 21 de agosto de 1919 — quase um ano depois de terminada a guerra — quando voltou às suas características originais.

Sobre a personalidade de Otto Boehm, que foi deputado estadual de 1917 a 1920, o Dr. Plácido Gomes, em seu trabalho "Alguns Escritores Mortos de Joinville", publicado no "Album Histórico do Centenário de Joinville", após relacionar os cargos públicos ocupados por Otto Boehm, assim se expressa:

"Através das colunas do "Kolonie-Zeitung", deixava transparecer o seu preclaro e são espírito político, evidenciando sempre o seu interesse pelo bem-estar coletivo, e de modo particular, pelo desenvolvimento do seu município. Recebia indistintamente amigos e adversários, atendendo-os com serviços e favores. A sua tipografia, alheia a cores partidárias, se dispunha a imprimir outros jornais, oposicionistas ou não, locais ou de qualquer outro município. A sua formação liberal não lhe permitia aceitar qualquer forma de opressão à livre vontade. Espontaneamente, por mais uma vez, não vacilou em conceder favores a altos próceres da política catarinense, sem que objetivasse com isso qualquer vantagem pessoal".

Sucessora de Otto Boehm, a empresa Boehm & Cia. passou a proprietária e editora do Jornal. Eram componentes da firma, além de Hermann Brosig, genro de Otto Boehm, os seus filhos Carlos Willy e Max Boehm, nascidos em Joinville, desde cedo integrados na organização e dotados de excelente formação jornalística.

Em sua edição comemorativa do 75º aniversário de fundação, a 20 de dezembro de 1937 — poucos meses antes do início da Campanha da Nacionalização, decretada pelo Governo Getúlio Vargas — fazendo uma retrospectiva da longa e difícil caminhada, os editores assim se expressam, com referência ao seu antecessor:

"Nós, que assumimos o seu legado, tentaremos perpetuá-lo, segundo os seus propósitos e de acordo com a sua máxima latina:

“Fortiter in re, suaviter in modo” — (Forte na ação, suave no modo).

“Não abdicaremos do nosso direito de discernimento. Continuaremos, porém, agindo como até aqui agimos, sempre com bastante cautela, sem jamais condenar irrefletidamente o que quer que seja. O “Kolonie-Zeitung” deseja continuar o noticioso, o guardião, o amigo, o conselheiro de seus leitores. O “Kolonie-Zeitung” é e continuará sendo um jornal brasileiro, redigido em idioma alemão, fiel as suas tradições. Seu objetivo primordial continua sendo o progresso deste pedaço de chão brasileiro, deste chão que serviu de berço e que será o berço de nossos filhos e que amamos com todas as forças do coração. O “Kolonie-Zeitung” está intimamente ligado à existência de toda a Colônia, com ela cresceu, com ela está afetuosamente entrelaçado na alegria e no sofrimento; e assim deseja continuar para sempre. Tudo faremos neste sentido e prazerosamente estendemos a mão a todos indistintamente para uma cooperação sincera em prol da grandeza e do progresso da Pátria comum, o Brasil”.

O “Kolonie-Zeitung” não foi evidentemente, o periódico “alemão” de maior circulação no Brasil. Foi superado por importantes jornais surgidos nas décadas finais do século passado e iniciais do século presente. No entanto, dentro de sua área de circulação, que abrangeu o Município de Joinville sempre teve enorme prestígio e divulgação. Contando em 1937 com 3.000 assinantes, contra 250 no ano de 1863, não foi apenas o melhor órgão de propaganda da vasta região, mas também constituiu, realmente, o “noticioso, o guardião, o amigo, o conselheiro” de milhares e milhares de famílias, nas cidades e na zona rural, para as quais o “Zeitung” significava — ao lado da Bíblia — a leitura diletta e fecunda nas horas de recolhimento e lazer.

O historiador Carlos Fouquet, autor da obra “O Imigrante Alemão”, editada em 1974 pelo Instituto Hans Staden, de São Paulo, e pela Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, discorrendo sobre a nossa imprensa redigida em alemão, na página 202 observa o seguinte:

“A imprensa teuto-brasileira sempre se manteve fiel ao Brasil e, ainda que por vezes a natureza irrestrita dos interesses do País, embora consciente de que a crítica fazia parte de sua função. Ao lado das sociedades, escolas e igrejas, muito contribuiu para a ambientação dos “alemães novos”, “novatos” ou de qualquer outro modo apelidados pelos já aqui radicados, integrando-se ao sistema vigente no País. Nem por isso deixava de cultivar a tradição européia, que freqüentemente envolvia ásperas críticas ao Velho Mundo, especialmente no que se referia a condições posturas e decisões políticas, sendo que de tal atividade participavam indistintamente conservadores e socialistas, republicanos e monarquistas, cada qual com seus pontos-de-vista”.

(Continua no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olvío Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA